

Kotinha

Quebra! Quebra! Quebra em nome de Jesus! E Jesus se encolhia num canto, assustado por usarem seu nome na contramão de princípios humanistas.

Mulheres e crianças se abrigaram no fundo do barracão, rogando para que a agressão acabasse logo. Para que nenhum homem do terreiro chegasse e se visse obrigado a enfrentar os dois crentes.

Caiu água forte, chuva de raio e vento. Eparrei Oyá! Eparrei! Todo mundo saudou a senhora das tempestades pedindo proteção. Algumas mulheres em voz baixa, outras, mentalmente. Os trovões arrebatavam o céu, os ouvidos, enquanto os homens de cérebro lobotomizado, tomados pelo demônio, devastavam o roncó.

Uma garotinha, pequena makota, emburrada, de braços cruzados, enxergou Bamburucema atrás de um dos ho-

mens, colada às suas costas, tentando chamá-lo à razão. Arquetou: eu vou virar ele, vou virar ele.

Em pouco tempo eles destruíram Ibás, maldisseram ori-xás, deram lições de falsa moral e ameaçaram a senhora do terreiro. A menina, abraçada às pernas da Mameto, esticou o pescoço à procura dos olhos do homem que tinha Bamburucema às costas e estava possuído pelo demônio. Queria chamá-la a tomar conta do filho, para isso, dizia baixinho, eu vou virar ele, eu vou virar ele.

Kotinha encontrou o olhar do homem e mirou fundo, a hora dele estava chegando. Em resposta, um Ilá muito forte ecoou em todo o barracão. Logo a menina percebeu que o grito de chegada era de Nzázi. Olhou feio para a muzenza que o recebeu, mulher de uns 40 anos. Pensou em passar-lhe um pito. Quem foi que chamou? Ela não tinha mandado ele vir e tinha aprendido que ela devia chamá-los e despachá-los. Que rodante abusada.

Mameto, mais atenta aos homens violentos do que Kotinha, ficou preocupada. E se os destruidores não gostassem da aparição de Nzázi e ficassem mais impetuosos? Se comesçassem a agredi-las fisicamente? O jeito era pedir ao inquite da justiça para ir embora.

Mas Mameto estava enganada, Kotinha, atenta, reparava principalmente nos homens maus, e notou que ficaram alarmados com a presença de Nzázi. Deviam saber que as pessoas ficam mais poderosas, tornam-se imbatíveis quando essas forças da natureza se manifestam. Por isso queriam tanto destruí-las.

Sagaz, a menina aproveitou a confusão da cabeça dos moços, o ronco de Nzázi na trovoadas que parecia querer derrubar o mundo e passou por trás dos bancos, agachada. Escondeu-se à sombra dos atabaques, esticou o bracinho preto, pegou o adjá e começou a tocar.

Os homens bateram cabeça como dois dos três patetas e um deles reclamou que estava tonto. A makota mirim tocou o instrumento com mais vigor e puxou uma cantiga para Bamburucema. Mameto riu, que menina danada.

O homem das tonturas segurava a cabeça como se fosse perdê-la. Rodava sem controle do corpo, batia nas paredes. O pessoal da casa, surpreso, mas feliz, respondeu forte no contracanto. Todo mundo sentindo a vibração de Bamburucema.

O filho da senhora dos Raios correu para a chuva, como se ali, nas águas dela, pudesse fugir da mãe. Na porta do barracão tomou um barra-vento que o jogou de boca na lama e o fez arrastar-se, pesado, sem conseguir se levantar. O companheiro de baderna não o ajuda; em pânico, cruza a porteira em direção à estrada.

Bamburucema toma o corpo do filho que rolava na lama. O povo do terreiro cuida de levantá-la e a leva para dentro do barracão. Lá, Mameto conversa, explica sobre a perseguição que sua casa vinha sofrendo, pede solução.

Bamburucema aponta para o roncó. É levada para lá e se senta no meio da destruição. O coração fica triste e se aloja na ponta da espada. Vai embora depois de emanar sua energia e deixa o homem ali, chorando. A pequena makota reaparece, puxa a orelha dele e pergunta se é bonito tudo aquilo, se tem orgulho daquela bagunça.

Enquanto o homem que abandonou o amigo corria da chuva caíram dois raios seguidos em sua direção. O primeiro chegou perto, quase o atingiu. O segundo passou longe, mas o povo diz que foi suficiente para ele endoidar com aquela luz sem proporções.